deliberadamente ... DREVE

folha informativa de activismo feminista



nº 0. julho 1996

edita: mulheres nacionalistas galegas



Sonhando com a Galiza

MING/CN

Afrontamos este Dia da Pátria com um rosário de recurtes e ajustes em as já por si minguadas prestaçons sociais que oferecia o Estado Espanhol. Outro pacote de privatizaçons massivas de seitores públicos rendíveis, ameaça com fazer o nosso País um bocadinho menos nosso. O neo-liberalismo ocupa terreos insospeitados há umha decada, e o retrocesso social a níveis ideológicos e organizativos é palpável: a capacidade de resposta e mobilizaçom dos sindicatos e organizacons populares em geral som umha mostra disto, só um avanço no apoio ao nacionalismo institucional rompe em algunha medida o que vem sendo a tónica geral. E as mulheres no vagom de cola...

Este ano 96 traia-nos os maiores índices de paro feminino, um aumento na feminizaçom da pobreza, maiores índices de violência contra das mulheres..., "medramos" en todo agás em igualdade real e bem-estar social. Saimos de últimas na carreira e ainda por riba ponhem-se-nos mais obstáculos

Quando andavamos a peder mais cobertura social e um apoio decidido à integraçom das mulheres em todos os ámbitos da sociedade, coloca-se-nos com as leis da oferta e a demanda no "quadrilatero" do máximo benefício a bater-nos sem luvas.

A maternidade, o poder sobre o próprio corpo, a saúde, a educacom... nom entendem de beneficios nem leis de mercado. Se ainda por riba mandam na tua casa, fam e desfam no teu Pais, destruem a economia, despreçam e marginam a cultura e mesmo perseguem e reprimem a quem reclama o legitimo direito a governar o que nos é próprio, pode-se concluir entre estas pinceladas o panorama que temos a grande maioria das mulheres galegas: eis as resultas de viver num pais sem normalizar.

As mulheres que nos organizamos em M.N.G. temos um projecto que caminha entre coordenadas de liberdade para nós e o nosso pais. A Galiza com a que sonhamos nom é umha nacom excluinte. Nela tenhem cabida todos os coleitivos e

todas as reivindicaçons som escutadas e compartidas por justas e benficiossas para o conjunto da sociedade.

A Galiza com a que sonhamos tem o Patriarcado no baul das lembranças e só se ensina nas aulas de História.

Sonhamos mais umha vez com ela polas ruas de Compostela, com essa Galiza independente e nom patriarcal. É um projecto que precissa, sobre todo, de superar o divórcio existente entre as soluçons que requerimos as mulheres a níveis políticos, económicos e sociais, e os apoios, as aportaçons e os esforzos que facemos cada dia.

Cómpre reflexionar a quem traspasamos o nosso poder, a quem favorecem os nossos apoios e as nossas decissons. O dia que atopemos o direitamente vencelhadas que estam as grandes decissons políticas e económicas com os nossos problemas cotiáns, dentro e fóra da casa, esse dia teremos dado um salto importantíssimo no caminho cara a essa Galiza de sonho.

8 DE MARÇO

Pola defessa dos direitos reprodutivos

Baixo o lema "Mulher ti decides, conhece e defende os teus direitos reprodutivos" Mulheres Nacionalistas Galegas desenvolveu a sua campanha polo Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, com o reparto de miles de quaderninhos informativos, pegada massiva de cartazes e charlas informativas em Ferrol, Compostela, Lugo, Ourense e Carbalho, com o objectivo de chamar a atençom sobre a situaçom actual dos direitos reprodutivos da mulher na Galiza.

Denunciarom-se as barreiras que negam esses direitos fundamentais das mulheres no nosso Pais e que estam em relacom directa com a situacom de dependência que sofre Galiza; a situaçom económica e social ditada por organismos como a OCDE, UE, FMI e BM; as leis que regulamentam a contraconcepçom, Lei do aborto do PSOE de 1985; os prexuizos e repressom social que existem sobre situaçons concretas vencelhadas com os Direitos Reprodutivos (nais solteiras, maternidade/paternidade de gais e lesbianas..); situaçom política da informaçom sexual...

Mais concretamente vencelhado com a situaçom que gera a política actual do SERGAS no nosso Pais e a influência do OPUS DEI nas instituiçons sanitárias galegas, denunciou-se a objecçom ginecológica e a situaçom dos C.O.F, sublinhando o caso de Maria Concepçom F.B., de A Corunha, condeada a seis meses de prissom por ter abortado.

Manifestaçons polo Dia Internacional da Mulher Trabalhadora

Forom várias as manifestaçons que percorrerom as ruas galegas ao redor da data do 8 de março.

Em Compostela, convocada por diferentes coleitivos celebrava-se umha manifestaçom o próprio dia 8, baixo o lema "Feminismo: Agora e sempre" M.N.G participou na mesma incorporando numha faixa a consigna "A objecçom ginecológica pisa os direitos das mulheres". Em Vigo e como remate de umha campanha levada adiante polo Conselho Municipal da Mulher, celebrou-se tambem unha manifestaçom, desta volta baixo o lema "Alianza entre as Mulheres. Trabalho, Dignidade, Independência".

O sábado dia 9, M.N.G voltava às ruas com umha convocatória em solitário com o lema da campanha própria desenvolvida desde o mes de fevereiro.

Durante a manifestaçom entonaromse distintas coplas ao ritmo das pandeiretas:

> Rebela-te, rebela-te, se o corpo é teu, ti fas a Lei. Ti fas a lei mulher, ti fas a Lei. Rebela-te, rebela-te, rebela-te.

"Galegas somos, galegas seremos, a nossa independência conseguiremos"; "Se temos filhos quem os mantem?. que pague Romay com os quartos do Opus Dei" ou " Se fosse mulher Romay Beccaria, o seu ginecólogo nom objectaria" forom algumhas das consignas coreadas nesta manifestaçom que percorreu a zona velha de Compostela para rematar na Praca do Toral, onde duas companheiras lembrarom os eixes da campanha e pedirom a solidariedade entre as mulheres, recordando-nos casos como o de Maria Miramontes, sindicalista expedientada pola "Xunta de Galicia", as presas independentistas que se atopavam realizando umha greve de fame polo seu traslado à Terra, as mulheres ziganas e inmigrantes que engadem outras marginaçons e opressons às derivadas da sua condiçom de mulheres...para rematar com vivas à Luita Feminsita e a umha Galiza Ceive e nom Patriarcal.

RECOLHIDA DE AUTO-INCULPAÇON8 EM 8OLIDARIEDADE COM Mª CONCEPÇOM F.B.



O próprio 8 de março, M.N.G apresentou nos julgados de Compostela mais de 160 auto-inculpaçons de aborto fóra dos supostos legais em solidariedade com a mulher condeada pola Audiencia Nacional a seis meses de prissom por um delicto de aborto. Maria Concepçom F.B interrompeu o seu embaraço numha clínica de Portugal e posteriormente tivo que ser atendida nos servicios de urgencias do hospital Juan Canalejo pois presentava hemorragias e perforaçom do útero entre outras complicaçons. À vista do informe médico o fiscal apresentou cargos contra dela e finalmente foi condeada. Para M.N.G, em quanto dessa condea, o Estado deveria pagar a Maria Concepçom umha indemnizaçom, polos perjuizos que lhe causou a impossibilidade de abortar na sanidade pública.

E MAIS AUTO-INCULPAÇONS

Coincidindo com a entrada em vigor do novo Código Penal, no que se segue podendo julgar e condear às mulheres por decidir sobre os nossos corpos, M.N.G., junto com as Mulheres da Casa. Encantada de Compostela instalou umha mesa na Praça do Toral na que se recolherom outras 130 autoinculpaçons.

A Coordenadora de Frontes de Libertaçom Homossexual do Estado Espanhol (COFLHEE), reuniu-se em Compostela os dias 12, 13 e 14 de Abril. Às reunións, organizadas polo Colectivo Gai de Compostela -membro desta Coordenadora-, asistirom diversos coleitivos do Estado Espanhol como COGLES de Salamanca, a Radical Gay de Madrid, Liberación Gay de Córdoba, Front d'Alliberament Gai de Catalunya, EHGAM de Gipuscoa e Navarra, e, como convidados, o Grupo "Milhomes" de Gais Corunheses e do Grupo de Trabalho Homossexual de Lisboa.

Neste encontro chegarom às seguintes conclussons:

1.- Ante as perspectivas políticas com o inminente cambio de governo temen um retrocesso no processo de consecuçom das liberdades sociais e jurídicas polas que se leva luitando desde os anos da "transición". Em todo caso, pensam, que o PP nom pode de ningum jeito estar por baixo da Resoluçom A3-0028/94 do Parlamento Europeu, sobre a igualdade de direitos dos homossexuais e lesbianas na UE. E, aseguram, que nom vam ficar passivos ante qualquer ataque às liberdades já acadadas.

2.- A respeito do "Caso Arny", a COFLHEE manifesta-se publicamente a favor das relaçons entre e com menores de idade com o libre consentimento d@s mesm@s. De igual jeito pidem a solidariedade com o Movimento Gay Andaluz, que sofreu a maior onda de agressons fascistas e homofobas desde os tempos do franquismo. A COFLHEE declara a sua solidariedade com os trabalhadores do sexo (chapeiros) e pede que seja salvagardada a intimidade dos usuarios dos bares.

3.- Em quanto às agressons fisicas e verbais que se dam quotidianamente na Alameda de Compostela e, sobre todo, no Parque do Campus Sur, acordarom solicitar umha entrevista com o Reitor para pedir-lhe responsabilidades acerca da segurança nestes espaços públicos, de claro uso por parte dos gais compostelans.

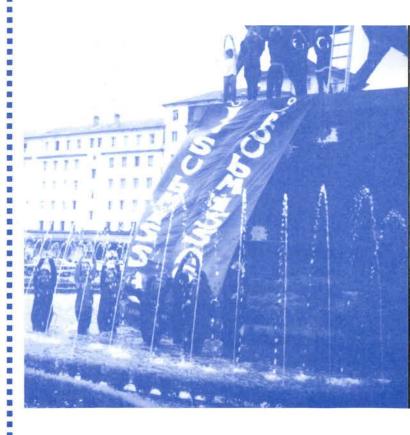
4.- Por último, delinharom as directrizes da Campanha sobre "Marinsubmissom" ou insubmissom gai, que levaram adiante nos próximos meses todos os coleitivos da COFLHEE. O lema da mesma será "Espidas e invencíveis, gais pola insubmissom"

DIA DA MULHER ANTI-MILITARISTA

O 24 de Maio celebrava-se em todo o mundo o Dia da Mulher Anti-militarista. Na Galiza o Coleitivo de Mulheres Insubmissas escolheu a estatua equestre de Ferrol como objectivo da sua mobilizaçom.

Porque o militarismo é ao tempo fruito e agente perpetuador do sistema patriarcal, e bastiom das mais aberrantes conductas machistas. As mulheres insubmissas galegas rejeitamos que as nossas mobilizaçons poidam ser entendidas só como actos de solidariedade com os moços insubmissos: somos anti-militaristas por nós mesmas, porque o Exército e a orde que o sustem agrede-nos na nossa condiçom de mulheres. Somos insubmissas porque o Feminismo é de seu um exercicio diário de desobediência e rebeldia.

A estatua de Franco representa todo aquelo que nós, as mulheres rejeitamos: o machismo, a ierarquia baseada no mando e na repressom, a exploraçom das classes sociais, a influência da Igreja nas decissons do Estado, a colonizaçom e opressom do nosso Povo, a "Sección Femenina" que nos relegava ao papel de nais e esposas e garantes da unidade familiar... A presença dessa estatua - homenagem de um dictador fascista no nosso Paisé umha humilhaçom permanente para o conjunto da sociedade galega em geral e para as mulheres no particular. Eis o motivo da nossa protesta: Nem coma mulheres, nem coma Povo, aceitamos a "Lei do Padre".



JORNADAS DE DEBATE

O 8 de junho, organizada por M.N.G, tinha lugar na Casa Encantada, em Compostela, umha jornada aberta de debate sobre dous temas fundamentais: a prostituiçom e as medidas de discriminaçom positiva.

Houvo um grande contraste de posicionamentos e numerosas opinions, mas em MNG reforzamos a nossa condea à prostituiçom, à que consideramos como umha escravitude sexual das mulheres. Umha práctica que é o froito de umha concepçom patriarcal da sexualidade, das relacons humanas e das próprias mulheres. Un negócio que gera grandes benefícios (a trata de brancas é já a actividade ilegal que máis quartos produze, tras o tráfico de drogas e o de armas).

A prostituiçom é para nós umha das máis craras situacons de expoliaçom e cousificaçom das mulheres ao serviço de interesses e necessidades masculinas, que longe de desaparecer com o avanço da história, adaptase com a creaçom de novos mecanismos (turismo sexual, importaçom de mulheres às que a sua condiçom de inmigrantes ilegais converte em pessoas sequestradas sem máis possibilidade que cingir-se aos desejos e ordes dos seus torturadores-proxenetas).

Desde MNG apostamos firmemente pola erradicaçom da prostituiçom e pola persecuçom dos seus beneficiários, nom das suas vítimas, polo que esiximos das Administraçons a adopçom de medidas que permitam às mulheres prostituidas recuperar a auto-estima e ter possibilidades reais de accederem a postos de trabalho en condiçons laborais dignas. Esiximos tambem a persecucom e castigo dos que potenciem, fomentem,

obriguem ou se beneficiem deste mercado de carne feminino. Pola contra, rejeitamos que, mais umha vez, a pressom caia sobre as vítimas, polo que esiximos o cese das actuacons policiais e sociais tendentes a castigar ou humilhar às mulheres prostitutas.

Sobre a Discriminacom Positiva, desde MNG defendemos o artelhamento dos mecanismos necessarios para correger a desigualdade. Temos craro que o estabelecemento de um sistema de quotas mais ou menos paritário nom é garante da construcçom de umha sociedade acorde com os parámetros feministas, mas, dentro do reformismo, entendemos que ditos e conceitos como "quem vale chega" nom som mais que um engano. A prática quotidiana amossa-nos que segue a existir umha discriminaçom real contra as mulheres, tanto no acesso ao mercado laboral como a postos de responsabilidade nas empresas ou na gestom política. Nesse estado das cousas, defendemos as medidas chamadas de discriminaçom positiva, em tanto som um instrumento que tenta evitar a perpetuaçom da nossa "nom-presença".

Cremos também que a recente polémica sobre as medidas de discriminaçom positiva som umha mostra da reaccom masculina contra do avanço das mulheres. O debate sobre si é justa ou nom a Discriminaçom positiva esta promovido e alentado por homens, aos que nom preocupa tanto a justiza como a perda de privilégios e o medo a que as mulheres lhes "roubemos" um espaço que até o de agora tinham como próprio e exclusivo.

PRIMEIROACTODE M.N.G. NA EMIGRAÇOM

Invitadas polo Coleitivo Adiante do Centro Galego de Madrid, as companheiras Pilar Patinho e Lupe Ces participarom numha charlacoloquio que tinha como objectivo dar a conhezer na emigraçom a situaçom das mulheres galegas, tanto na história como no momento actual.

Compre sublinhar que se tratava do primeiro acto organizado polo Coleitivo e o feito de que precissamente estiver adicado às mulheres é, por inusual, cousa digna de loubanza.

ENDEREÇOS DE MULHERES NACIONALISTAS GALEGAS

Se queres receber mais informaçom sobre M.N.G. ou sobre qualquer tema que che interesse sobre a mulher...

Se queres colaborar ou trabalhar com nós... Estamos em:

VIGO:

R/ Gregorio Espino, 14-6°K Apartado 308 . C.P. 36080

FERROL: Estrada de Castela, 110-1º C.P. 15404 Apartado. 1073

COMPOSTELA: R/Poça de Bar, 11-2ºF

